

Literatura e internet

Ana Cláudia Munari¹

Resumo:

Esta é uma pequena *fala* que parte do início do debate sobre a transmediação da literatura entre o livro e a internet e o que pode acontecer com a arte literária.

A literatura é muito anterior ao livro. O encontro entre a primeira história, seu contador e seu ouvinte não pode ser recuperado, justamente porque não houve esse registro; no entanto, a persistência das histórias, narradas mesmo antes de o homem desenvolver a linguagem verbal, através da escrita rupestre, faz-nos pensar que a própria noção do humano, e mesmo da civilização, relaciona-se intimamente com a escrita e a leitura do literário.

Já o encontro entre a literatura e o livro deu-se perto de 6 mil anos atrás, no entanto, apenas há pouco mais de 500 anos é que foi firmado este acordo, entre o livro impresso – o amadurecimento do suporte, desde as tábuas até o códice – e a literatura moderna. Desde então, a literatura – arte das palavras – é produzida para pertencer ao livro e ser fruída através dele. É preciso dizer que, apesar da fixação do suporte, principalmente pela adoção das academias e das escolas, a literatura oral sempre coexistiu com a escrita, assim como a literatura em folhetos, a literatura em periódicos, além da literatura que é traduzida para outras mídias. Outra coisa que também precisa ser dita é que, novamente, apesar dos 500 anos do livro impresso e sua canonização como suporte do literário, ainda assim ele não é um objeto cujo acesso seja franqueado ou cuja manipulação e uso seja comum a todas as culturas e classes sociais.

Apesar de todas as dificuldades na formação do leitor de livros e nas políticas de acesso à cultura através do livro, sempre que se fala em literatura, pensa-se no texto escrito em papel, no formato de um códice impresso. Literatura é, assim, quase sinônimo de livro. Outro quase sinônimo é o romance, o gênero mais lido, ou o gênero literário mais vendido no formato livro. Desde que Aristóteles, a partir do fechado círculo grego, resolveu analisar a produção textual de sua época, criando as teorias sobre o drama, a tragédia e a epopeia, alguma coisa mudou em relação à *poiesis*, e hoje, nesse mundo em rede infinita, já não lemos epopeias nem tomamos o teatro como gênero literário popular. No entanto, quando relemos, ainda hoje, a poética de Aristóteles e percebemos o quanto ela ainda nos diz da arte da escrita, torna-se visível que, afinal, a literatura não mudou tanto assim: é humana. Suas maiores

¹* Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2011), na área de Teoria da Literatura, Linha de Pesquisa: Teorias Críticas da Literatura - Literatura e outras mídias. Trabalha com consultoria em hiperleitura junto a editoras. Endereço CV: <http://lattes.cnpq.br/8636942838445477>.

modificações deram-se, ao contrário do que se possa pensar, ainda antes do livro. Gêneros, formas, linguagem, transformaram-se muito mais entre as tábuas e o códice. Depois do livro impresso, a grande revolução na leitura foi a passagem de sua configuração intensiva para a extensiva – mas ambas coexistem também até hoje – e, certamente, a fixação da leitura silenciosa, prática que, durante muito tempo, mesmo utilizada por poucos, funcionava paralelamente à leitura oral. Entre os gêneros, a última grande mudança em relação à leitura foi a canonização do romance, em preterimento da poesia e do ensaio. E canonização de gênero, sabemos, tem muita relação com o leitor, com aquilo que ele escolhe para ler.

Enfim, essa pequeníssima digressão sobre o livro e sua leitura serve para mostrar como ele fixou práticas, mas que não extinguiu outras: ainda escrevemos bilhetinhos, ainda lemos em voz alta, ainda repetimos a leitura do mesmo poema várias vezes. Cada suporte, cada gênero e sua linguagem, servem a determinadas práticas e leitores. E esses leitores, justamente conforme suas práticas, elegem e transformam os textos e seus suportes.

Agora, depois de 500 anos de relativa paz nas bibliotecas, aparece um novo suporte para a escrita. Há cerca de oitenta anos, quando surgiram os primeiros computadores, começou um boato sobre a morte do livro. Com a chegada da internet, o fim do livro foi anunciado como algo iminente e catastrófico. No entanto, apenas agora, cinquenta anos depois, é que algo novo começa a se formatar no mundo do livro, algo que dizem ameaçar a literatura, o romance, a leitura. Fala-se no ebook como o suporte que ameaça a existência do livro e, assim, da própria literatura. Em relação a isso, o tema desta mesa de debates da Semana de Letras é muito expressivo, quando se pensa na passagem da literatura para o ciberespaço: “literatura fora de foco”. Sim, porque, fora do livro – o foco – a literatura perde sua moldura canônica, que o livro lhe garante desde sua primeira impressão.

Agora chegamos à questão a que esta fala se propõe: literatura e internet. Aliás, isso é possível? A literatura, misturada no cibercaldeirão, continua sendo arte literária? No suporte digital conectado – a internet –, a linguagem é outra: a hipermídia. O prefixo hiper sugere a superação da mídia, o que não deixa de ter sentido, quando pensamos justamente no esboroamento das margens. A hipermídia é a convergência entre mídias, artes, gêneros, linguagens, textos e usuários no ciberespaço: ali, onde vídeos, imagens, música, fotografias, textos, podem ser postados, lidos, assistidos, compartilhados, linkados, traduzidos, recriados, versados, curtidos, comentados... Em hipermídia, a literatura perde suas bordas, embaralha-se com as outras artes e linguagens do meio. Mais do que isso: compartilhada entre outros

textos e agentes, geralmente fragmentada, ela não apenas perde o todo que o livro lhe dá, entre capa e contracapa, como também embaça outra margem: entre autor e leitor.

E aqui, cabe uma importante explicação. Literatura em ebook não é sinônimo de literatura e internet. O ebook, como declara o próprio nome, é um livro eletrônico. É um livro, portanto, com a diferença de que, em vez de folhearmos o papel, tocamos o teclado do computador ou a tela do tablet para lermos. Certamente que ele tem algumas peculiaridades, positivas ou negativas, tanto na leitura em computador quanto em tablets: nem sempre as páginas correm da direita para esquerda, às vezes ele remedia o rolo; a passagem de páginas costuma ser mais lenta do que no livro; nem todos os programas ou aplicativos oferecem o recurso de marcar uma página para voltarmos a ela; alguns ebooks oferecem a opção de busca de palavras, o que facilita muito encontrar aquele trecho preferido; nem sempre se pode aumentar a letra que é pequena ou o grau de exibição; no tablet, geralmente a luz da tela é melhor do que no computador (o Kindle, por exemplo, imita o papel e não tem brilho nem reflexo), assim como os recursos de folhear e marcar páginas, marcar o texto e fazer anotações.

Ler um texto em PDF – formato compatível com muitos ebooks – não é muito diferente de ler um texto em livro impresso, com a singularidade de não ter o todo em mãos, sentir o cheiro, tocar, reverenciar esse objeto que guarda uma arte material em si mesmo. O formato mobi e epub acrescenta algumas diferenças tecnológicas, mas, dependendo do ereader, continua imitando o livro – aliás, é isso mesmo: os ereaders imitam os livros, para conquistarem seus leitores. Já a leitura através de aplicativos e bibliotecas, em tablets, apresenta algumas diferenças que a distingue da leitura de ebooks em computador. As obras oferecidas nesses e-readers e tablets trazem recursos digitais que programas como o Adobe não dispõem, como animações ou imagens animadas, música, vídeo, espaço de criação do leitor, e outras novidades que esse padrão permite.

Outra grande diferença na leitura digital está em lermos um texto *on line* ou *off line*. Quando lemos um ebook, tanto no computador quanto no tablet, sem conexão com a internet, ficamos presos (descontando o recurso da imaginação, próprio de toda leitura) ao texto: o leitor não pode escapar para outros textos e transformá-los num hipertexto. Já quando lemos um texto conectados à internet, podemos viajar pelo ciberespaço em busca de outros sentidos para a nossa leitura – mapas, palavras desconhecidas, personagens, fatos, o autor, curiosidades sobre o livro... Quando o próprio texto digital oferece essa possibilidade, através de links que joguem o leitor para o exterior, então, finalmente, depois de décadas de ideação, teremos

concretizada a ideia de hipertexto. No entanto, isso é difícil, a existência de um texto que não controle as viagens de seu leitor – e ele sempre controla, mesmo as viagens da imaginação, para que o próprio sentido da obra não se perca em atalhos e cruzamentos perigosos. Neste caso, literatura e internet conversariam de forma a criar um outro texto literário, diríamos até um novo gênero da escrita.

Chegamos ao ponto: literatura e internet. Falar da escrita literária no ciberespaço é falar de outras artes, outras linguagens, outros gêneros, que para aí convergem. É falar de hipermídia, que é, ao mesmo tempo, a mídia e a linguagem da internet. Por outro lado, posso pensar em outros tipos de relação: da literatura que “está na” internet (daí é uma conversa meio analógica), da literatura que “sofre influência da” internet (ou sofre influência desses tempos de internet, como a literatura da modernidade sofreu da máquina a vapor) e da literatura que “se constrói a partir” da internet, quando a rede não é só um suporte, mas uma ferramenta de criação. Então: a internet pode ser suporte, pode ser ambiente (sócio-político-econômico), e pode ser ferramenta. Em todos esses casos, pode-se pensar na internet como mais uma possibilidade de aproximação entre a literatura em livro impresso e o leitor. Ou se pode pensar na internet como a desconfiguração do literário.

Quando a literatura produzida em livro é transferida para a internet – tornando-a seu suporte – ela costuma figurar em websites voltados especificamente para o mundo das letras: páginas de instituições, de editoras, dos próprios autores, revistas eletrônicas, e ainda em portais de comunicação, como os jornais digitais. Muito frequentemente ela aparece em blogs e redes sociais, em fragmentos, recriações, comparações, geralmente com comentários, acréscimos, recortes, manipulações digitais.

A internet também é uma ferramenta de divulgação e venda de livros impressos, a exemplo da Estante virtual, que completa seis anos vendendo livros de sebos em todo o país. Uma grande parcela das vendas de livros em papel é feita através da internet, caso das livrarias virtuais Saraiva, Cultura e Fnac, no Brasil.

E, finalmente, a internet também influencia a produção literária, mesmo em papel. Não apenas porque ela transformou o ambiente em que habitam escritores-leitores de mundo, mas também porque alarga as possibilidades imaginárias para os criadores – passear pelas ruas de Verona pelo Google pode ser muito inspirador para escrever Romeu e Julieta – e, ainda, porque torna muito mais dinâmico os processos de criação de livros.

Agora chegamos à literatura digital, quando a relação entre “literatura e internet” significa pensar em hipermídia. A internet, aqui, também pode ser uma ferramenta, que, tal

como no caso dos livros, divulga e vende ebooks e aplicativos. A grande livraria digital Amazon, com sede nos EUA, anunciou já em maio de 2011 que as vendas de ebook em seu site superaram as de livros em papel. Outra informação pertinente é que os maiores compradores de ebooks nesse mesmo país são as mulheres, as leitoras de romances, o que indica que já está ocorrendo a migração dos leitores para a hiperleitura. Cabe aqui o apontamento da ainda pequena parcela da população que dispõe de recursos para a leitura digital. No entanto, essa é uma dificuldade que, agregada à já problemática questão da formação de leitores de livros, da escassez de bibliotecas, e, ainda, do fato de que o brasileiro quase nem lê, precisa ser levada em conta diante dessa sociedade cada vez mais dependente da tecnologia digital. Inclusão digital é mais uma questão em que o país precisa avançar, em meio a tantas outras que dizem respeito à educação.

A internet também pode ser o suporte para a literatura digital, aquela produzida diretamente em blogs e redes sociais, muitas vezes através de processos transmidiais (de relações entre mídias, como os processos transtextuais ocorrem entre textos) e cooperação. Neste caso, temos o exemplo de Angela Lago, escritora de literatura infantil e juvenil – de livros em papel, diga-se – cuja atuação criativa é frequente no Facebook, onde ela realiza traduções dos poemas de Rilke *on line*, com a colaboração e o compartilhamento de seus amigos virtuais. Nesse caso, que diferença pode haver entre a produção que se faz *on line*, por colaboração, e aquela desconectada e particular, sem a interferência de outros escritores-leitores (e tradutores, nesse caso particular)? Talvez, aí, o significado de “fora de foco” da literatura seja apenas este, a da perda de outra espécie de aura, que diz respeito à relação entre escritor e escritura (que não a relação autor/obra), relação esta que se desfaz em uma rede social. No entanto, é bom frisar: o resultado desse trabalho de tradução, ao ir para o livro, é a mesma literatura a que estamos acostumados a encontrar em outras obras, e muito provavelmente não haverá marcas visíveis ao leitor desavisado sobre sua produção. É enquanto está no ciberespaço que a literatura adquire essa “habilidade” de atravessar margens, permitindo outras formas de leitura.

Chegamos, enfim, ao caso mesmo da literatura fora de foco: literatura e internet, mas, aqui, a internet como ferramenta de desconfiguração do literário. Embora tenhamos muitas respostas sobre o que seja literatura, basta perguntar a diferentes leitores, certamente é possível imaginarmos uma configuração própria para o texto literário, que, inicialmente, relaciona-se à ficção e verossilhança, depois forma e conteúdo, representação e símbolo, linearidade e encadeamento, até questões que se relacionam com gênio criativo, engajamento,

transversão, revolução. Sobre essas características, é possível encontrá-las em textos digitais, e podemos mesmo lê-los desvinculando nosso manuseio do ereader, ignorando a interface. A obra machadiana *O alienista* pode ser a mesma em livro em papel, em PDF no desktop, ou em mobi num aplicativo. O que pode torná-la outra coisa, aí, é a prática de leitura exercida pelo leitor: se ele lê sozinho com o texto, ou com o auxílio de um dicionário, de textos sobre Machado ou a própria obra, se ele lê linearmente, se ele lê enquanto está conectado e faz buscas no Google, se troca experiências de leitura na rede social, se assiste a vídeos de adaptações no Youtube, ou se escreve, paralelamente, uma fanfiction sobre a história. Até aí, alguém poderá dizer que não há diferença entre abrir um dicionário que está em cima da mesa ou um dicionário on line. Realmente talvez não, desde que o dicionário exista e o leitor saiba e deseje manuseá-lo. Digo isso porque sabemos que a geração nativa digital tem outra relação com gadgets, e cada vez mais a tecnologia chega para atender a suas demandas.

Mas, e se o “livro” oferecer tudo isso na mesma interface? O dicionário, o vídeo, os comentários críticos, a biografia do autor, o espaço de criação? E aqui não falo de links e plugins, mas de HTML5, que permite a convergência multimídia de uma forma muito mais integrada. Conectado a essa web semântica, o próprio “texto” seria capaz de linkar o leitor a outros textos, numa rede infinita. O livro seria vivo (os textos sempre foram). Imaginemos: na tela finíssima de oled o leitor lê um texto literário recém comprado, com um toque, pela internet (caminhando, ele passou em frente a uma livraria, que “jogou” para seu aparelho uma propaganda do livro). No texto há referência a uma data, ele toca a tela, em cima do número, desencadeando a busca por significados para aquele termo – a web semântica compreende, sem a necessidade de sites de busca – e escolhe uma sugestão, que ele põe à margem do livro. E assim com palavras, nomes, termos em outro idioma... O livro que ele comprou já vem com alguns vídeos, que rodam simultaneamente à leitura, às margens, e o leitor pode deslocar, aumentar, diminuir, interromper o vídeo. O livro também vem com trilha sonora: música de suspense para a hora exata, música romântica para o beijo narrado – mas o leitor pode trocar, interromper... O que seria o texto literário aí? Seria o texto verbal, os vídeos, a música, os outros textos que foram trazidos para dentro dele.

O livro seria vivo: conforme cresce a rede de conteúdos na internet, modificam-se as possibilidades do livro, ele nunca seria igual. Podemos pensar também em atualizações, produzidas pelo próprio editor (ou webdesigner, publicitário, autor?). Na seção biográfica, a linha do tempo do autor cresce. A informação sobre o próximo livro dele também alcança o leitor, que poderá comprá-lo num toque assim que ele for oferecido na margem esquerda. E

isso “dá margem”, literalmente, para outras inserções, como a publicitária. Não nos surpreendamos que o “personagem” do livro apareça tomando uma coca cola no vídeo ao lado do trecho em que ele estava com sede. Ou, a partir de alguns minutos na página – quem sabe a tecnologia permita ao texto enxergar os olhos do leitor na tela, sabendo, assim, o trecho que ele lê – e a palavra “chocolate” começa a mudar de cor, até que ela se torna animada. Se o leitor tocar nela, entra os reclames (do plin plin não!). Enfim, ninguém me diga que isso continua a ser literatura! Para mim, não é. Pode continuar a ser chamada assim, mas será diferente, então não porque apenas produzida diferente – em outro suporte, outra linguagem – mas também porque será lida por outro tipo de leitor e de outra forma. O resultado também será outro. Não apenas por isso, mas talvez porque eu tenha “aquele” respeito e admiração pela literatura e pelo livro, ou pela dupla que eles são, a minha dificuldade em chamar esse tipo de objeto de livro e esse tipo de texto de literário. Prefiro hiperlivro e hiperliteratura, numa referência à hipermídia, ou outro nome que alguém mais autorizado possa dar. No entanto, não posso deixar de pensar que, para esse novo leitor que o futuro verá, essa será sua forma de literatura, e que talvez seja assim mesmo que ele a chame.